26º ENANCIB
Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação
A Amazônia na sociedade global em rede: assimetrias e potencialidades informacionais, tecnológicas e ambientais
Belém, Pará, 09 a 13 de novembro de 2026
Universidade Federal do Pará

ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
ISSN 2177-3688

GT 10 – Informação e Memória

O DECLÍNIO DO LIVREIRO COMO MEDIADOR DA INFORMAÇÃO E SEUS IMPACTOS NA MEMÓRIA SOCIAL

THE DECLINE OF THE BOOKSELLER AS AN INFORMATION MEDIATOR AND ITS IMPACTS ON SOCIAL MEMORY

Larissa Gomes de Almeida Silva – Universidade Federal Fluminense /(UFF)
Carlos Henrique Juvêncio – Universidade Federal Fluminense /(UFF)
José Antonio da Silva – Universidade Federal Fluminense /(UFF) e Fundação Casa de Rui Barbosa

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: Reconhecido como mediador cultural e informacional, o livreiro enfrenta desafios que afetam a visibilidade de sua profissão e sua memória social. Os grandes varejistas têm aumentado as vendas de livros por meio de altos descontos e facilidade de compras *online*, prejudicando as livrarias do país e contribuindo para o declínio da profissão de livreiro. Mesmo com importância histórica para o livro e a sociedade leitora, o livreiro foi invisibilizado com o tempo. O objetivo deste trabalho é historicizar a profissão, levantar dados sobre seu declínio e discutir seus impactos na memória social. O referencial teórico deste trabalho baseia-se nos estudos de Schettino (2013), Darnton (1990), e Barros, Borges e Barbosa (2006). A pesquisa foi realizada por meio de levantamento bibliográfico em bases como a BRAPCI e o Google Acadêmico. Conclui-se que o declínio da profissão de livreiro no Brasil impactou sua presença cultural e histórica, ressaltando a necessidade de preservar sua memória e de buscar estratégias para sua reconfiguração na contemporaneidade, entre elas, a valorização das livrarias físicas, o fortalecimento da mediação informacional e a adaptação às novas tecnologias.
Palavras-chave: livreiro; mediação da informação; memória; livrarias; livro.

Abstract: Recognized as a cultural and informational mediator, the bookseller faces challenges that affect both the visibility of the profession and its social memory. Large retailers have

increased book sales through substantial discounts and the convenience of online shopping, harming independent bookstores and contributing to the decline of the bookselling profession in Brazil. Despite its historical importance to the book trade and reading culture, the bookseller has gradually become invisible over time. This study aims to historicize the profession, gather data on its decline, and discuss its impacts on social memory. The theoretical framework is based on the studies of Schettino (2013), Darnton (1990), and Barros, Borges and Barbosa (2006). The research was conducted through a bibliographic survey in databases such as BRAPCI and Google Scholar. The findings indicate that the decline of the bookselling profession in Brazil has affected its cultural and historical presence, highlighting the need to preserve its memory and seek strategies for its reconfiguration in contemporary society, including the valorization of physical bookstores, the strengthening of informational mediation, and adaptation to new technologies.
Keywords: bookseller; informational mediation; memory; bookshops; books.

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa aborda a relevância do livreiro para a leitura na sociedade, como profissional que faz a divulgação dos livros e que encontra o que seu leitor precisa, atuando em um processo de mediação cultural e informacional. Manguel (2026) afirma que “ler sempre é um ato de poder. E é uma das razões pelas quais o leitor é temido em quase todas as sociedades”. Não por acaso o escritor é um defensor dos livreiros como guardiães e mediadores do saber. Nesse mesmo sentido, Ventura (2009, p. 21) afirma: “Entre o livro e a leitura estou eu, o livreiro. O escritor publica a escrita, o editor publica o livro, o livreiro ‘publica’ a leitura”, denotando a importância do tripé livro-livreiro-leitor.

Assim, o livreiro pode ser considerado uma figura de grande importância para a leitura no país de maneira atemporal. Todavia, este profissional, necessário tanto para a curadoria quanto para a promoção da leitura no país, enfrenta desafios crescentes diante de transformações econômicas, sociais e tecnológicas. Entre esses desafios, destaca-se o gradual desaparecimento da profissão do livreiro. Diante desse cenário, torna-se relevante refletir não apenas sobre o declínio dessa profissão, mas também sobre os impactos dessa transformação para a mediação da informação e para a memória social da profissão livreira, historicamente vinculada à circulação do livro e à formação de leitores.

Sendo assim, o objetivo geral deste trabalho é investigar de que maneira o declínio e a transformação da profissão livreira afetam os processos de mediação da informação e a construção da memória social associada a esse ofício. Visa-se, assim, responder à questão-problema: o que a perda do livreiro representa para a mediação da informação e como a transformação da profissão livreira afeta a memória social do livro?

A justificativa deste trabalho está relacionada ao gradual declínio da profissão de livreiro e aos impactos que esse processo pode provocar na mediação da informação e na memória social da profissão. Embora fatores econômicos e tecnológicos tenham contribuído para a transformação do mercado livreiro, as consequências desse fenômeno ultrapassam a dimensão comercial, alcançando práticas de recomendação, curadoria e promoção da leitura historicamente associadas aos livreiros.

Nesse sentido, discutir o desaparecimento desse profissional significa também refletir sobre a preservação de conhecimentos, experiências e formas de mediação que marcaram a trajetória do livro e da leitura. Dessa forma, a pesquisa busca contribuir para a valorização da memória da profissão livreira e para a compreensão de seu papel no acesso à informação e na formação de leitores.

2 O LIVREIRO COMO PROFISSIONAL MEDIADOR DA INFORMAÇÃO

A trajetória da profissão livreira está diretamente ligada à própria história do livro. Com a ampliação da produção escrita, inicialmente por meio dos manuscritos e, posteriormente, com a invenção da imprensa, surgiram novas demandas relacionadas à circulação e comercialização das obras. Nesse contexto, consolidou-se a figura do livreiro, profissional cuja atividade se desenvolveu em torno do livro e de sua inserção na sociedade.

Desta maneira, um dos primeiros mediadores de informação a se fazerem presentes na história foram os livreiros. Na verdade, os livreiros-editores, livreiros-gráficos, livreiros-autores, livreiros-encadernadores, entre outras numerosas junções, eram mais do que apenas presentes como mediadores, eles representavam o que movimentava e fomentava o comércio livreiro da época. O livreiro, como diz Darnton (1990), podia ser considerado o intermediário mais importante de todo o sistema, pois operava na área em que a oferta se cruzava com a demanda. Este também expressa sua opinião sobre a necessidade de estudar melhor o livreiro enquanto agente cultural.

Para Gomes (2023), os atos de mediação da informação devem ser refletidos, planejados, executados e avaliados de maneira consciente, visando fortalecer a construção coletiva do conhecimento, o protagonismo social e o acesso à informação. A mediação, então, não se restringe à disponibilização de conteúdos, mas envolve ações intencionais que estabeleçam pontes entre os indivíduos e a informação. Historicamente, o livreiro não apenas comercializava livros, mas também orientava leitores, indicava obras, promovia encontros

entre pessoas e conhecimentos e contribuía para a circulação da informação. Dessa forma, sua atuação ultrapassava a dimensão comercial, assumindo um papel social e cultural relevante na formação de leitores e na construção de comunidades leitoras.

Nesse contexto, para Silva (2015), a mediação constitui um papel central nos estudos em Ciência da Informação, pois, além de conferir novas aplicabilidades e percepções conceituais para este campo, contribui de forma efetiva para pensar a atuação dos centros de informação. Percebe-se, então, a importância do estudo da figura do livreiro enquanto um agente da mediação informacional e cultural. Entretanto, as transformações observadas no mercado editorial e nos hábitos de consumo vêm impactando diretamente essa forma de mediação. O fechamento de livrarias e a redução da presença desses profissionais nos espaços de circulação do livro contribuem para a perda gradual de uma curadoria especializada baseada na experiência, no conhecimento acumulado e na interação direta com os leitores. Medeiros (2006, p. 343) também reafirma essas ideias, afirmando que os livreiros são "elementos ativos de participação e intervenção na oferta de leituras possíveis ao leitor".

Para além do supracitado, de acordo com Febvre (1992), a atividade livreira era tão complexa quanto a do impressor, sendo comum que o livreiro também atuasse como editor e ampliasse seus rendimentos por meio da publicação de livros. Suas atribuições eram variadas e envolviam desde o contato com autores para futuras publicações até a seleção dos textos a serem editados, a escolha dos tipógrafos e a obtenção do papel necessário para a impressão. Também cabia a ele acompanhar os interesses de sua clientela, buscando manter em sua loja as obras mais procuradas, além de organizar eventos de lançamento e sessões de autógrafos. Mesmo quando não possuía determinado livro em seu acervo, o livreiro recorria à sua rede de contatos para localizar e atender às demandas dos leitores.

No Brasil, especialmente na cidade do Rio de Janeiro, o comércio de livros contou, desde as primeiras décadas do século XIX, com a circulação de folhetos, panfletos, almanaques e jornais como importantes instrumentos de venda. Com um número significativo de livreiros franceses, as estratégias de vendas já experimentadas com sucesso na Europa também foram implementadas no Brasil. O papel dinamizador desses livreiros no Rio de Janeiro, no início daquele século, serviu para intensificar o comércio transatlântico de papel (Ferreira, 2021).

De acordo com o trecho mencionado, é possível notar, pelo termo "dinamizador", que os livreiros eram muito mais do que apenas vendedores de livros. Como Ferreira (2021, p. 42)

mesmo nomeia, eles eram “tratantes de livros”. É possível afirmar que eles tratavam, cuidavam, buscavam e resolviam grande parte do que envolvia livros, papel este que possui contornos importantes, exigindo que compreendamos os impactos de seu declínio, conforme seção a seguir.

3 TRANSFORMAÇÕES E DESAFIOS DA PROFISSÃO LIVREIRA

Entre as definições contemporâneas atribuídas ao livreiro, destaca-se aquela apresentada por Dantas e Cabral (2021), para quem esse profissional é responsável por aproximar as pessoas da leitura, auxiliando-as na descoberta de obras e gêneros capazes de dialogar com seus interesses. Embora essa descrição apresente um caráter idealizado, ela evidencia uma característica historicamente associada ao ofício: a capacidade de conectar leitores e livros. Ao longo do tempo, entretanto, as transformações ocorridas na cadeia do livro alteraram significativamente o lugar ocupado pelos livreiros, tornando sua presença cada vez menos expressiva em comparação a períodos anteriores. Como disse o cineasta Pedro Lacerda (2015), em entrevista ao Correio Braziliense (2015):

> Os copistas, que copiavam livros na Idade Média, tinham a profissão dos sonhos, eram bem remunerados e mantinham um status na sociedade. Achavam que haveria trabalho para sempre, que nunca acabaria. Mas acabou. O mesmo vem acontecendo com os livreiros, e falar só do fim da profissão não é suficiente. É preciso falar do que vem acontecendo ao redor (Lacerda, 2015).

No século XV, com a invenção da prensa tipográfica por Johannes Gutenberg, o mercado editorial cresceu significativamente devido à abertura de portas para um futuro de produção de livros em larga escala (Schettino, 2013, p. 605).

> Na primeira infância da indústria do livro, as profissões do livreiro se encontravam na mesma pessoa: era ele quem editava, imprimia e vendia o livro. Tal simbiose se perpetua por tanto tempo – no Brasil, pelo menos até o século XX (Bragança, 2002) – que nem sempre será possível separar cada atividade. Mas, com a evolução do maquinário de impressão, o aumento da produção de textos, a formação de leitores e a própria evolução do mercado editorial, essas três posições – editor, impressor e livreiro – acabaram por se dissociar, e a cada um deles coube um lugar no continuum educacional. Ao editor, a universidade; ao impressor, o curso técnico; ao livreiro, a prática da lida diária (Schettino, 2013, p. 605).

A partir deste momento, com a invenção da imprensa, é que o livreiro começa a ter suas funções mais delimitadas e, então, o processo gradual da diminuição da figura livreira nos papéis da sociedade. Enquanto editores e impressores conquistaram espaços formais de

formação e especialização, a profissão livreira permaneceu associada apenas à experiência prática. Essa diferença é relevante para compreender alguns dos desafios enfrentados pelos livreiros ao longo da história, especialmente no que se refere à valorização e ao reconhecimento da profissão.

Fernando Fernandes, fundador da livraria histórica do Porto — que declarou insolvência[1] após quase 50 anos de mercado —, disse em entrevista para Mariana Correia Pinto (2018)[2] que a situação está ligada ao desaparecimento de muitos livreiros que sejam verdadeiros amantes de livros e o que existe agora, com raras exceções, são apenas vendedores de livros. No mesmo artigo também são mencionadas histórias clássicas da vivência de um livreiro como homens que o pediam ajuda para escolher o livro perfeito para suas mulheres ou, até mesmo, clientes que criaram a tradição de comprar um livro todo ano no mesmo dia em forma de agradecimento.

No tempo mais contemporâneo, o proprietário da livraria ou vendedor de livros[3] especializou-se em técnicas do comércio e enfrenta a concorrência das novas tecnologias de comunicação, como as vendas *online*, e a evolução das práticas de leitura, como o formato digital (Schettino, 2013).

O comércio livreiro sofreu, então, um declínio na década de 1980 com censura rigorosa, perseguição (que incluía incêndios criminosos e destruição de maquinário), além de crises econômicas, sendo, tão somente no final da referida década, restabelecida ordem no país (Barros; Borges; Barbosa, 2006). Mas é possível dizer que o comércio livreiro não voltou mais a ser o mesmo e cada vez mais "vendedores de livros" tomaram os lugares que, outrora, os livreiros exerciam. Para Gianotti (2006 *apud* Barros; Borges; Barbosa, 2006), os livreiros não são mais protetores da cultura do livro e, sim, negociantes e empresários, que têm um produto a oferecer e tiram do comércio o sustento e o capital para viabilizar suas empresas. As transformações discutidas até aqui de fato extrapolam a dimensão econômica e alcançam aspectos relacionados à mediação da informação, à valorização profissional e à preservação da memória social da profissão livreira. A seguir, essas implicações serão analisadas com maior profundidade.

---

[1] De acordo com Figueiredo (2010), a palavra *insolvência* se refere à qualidade de insolvente, que significa pessoa que não tem meios para pagar o que deve.

[2] Disponível em: https://www.publico.pt/2018/01/26/local/noticia/o-adeus-a-leitura-e-mais-um-alerta-para-um-oficio-em-extincao-1800967. Acesso em 06 set. 2026.

[3] Denominação cuja mudança é intencional e fundamental para aclarar o que o livreiro se tornou.

4 MEMÓRIA SOCIAL E RESSIGNIFICAÇÃO DA PROFISSÃO LIVREIRA

As transformações observadas no mercado livreiro não afetam apenas as formas de comercialização dos livros, mas também a maneira como a profissão livreira é percebida socialmente. Ao longo da história, os livreiros ocuparam posições centrais no universo do livro, atuando como editores, divulgadores, curadores e mediadores entre obras e leitores. Entretanto, a especialização das atividades editoriais, a expansão do comércio eletrônico e a crescente digitalização das práticas de consumo contribuíram para o enfraquecimento da visibilidade desse profissional. Como consequência, parte significativa dos saberes, práticas e funções historicamente associados ao livreiro torna-se cada vez menos conhecida pelas novas gerações, evidenciando transformações na memória social construída em torno dessa profissão.

Paralelamente, observa-se a crescente concentração dos mecanismos de recomendação em sistemas digitais. Bezerra (2017) disserta sobre plataformas digitais que utilizam a chamada “cultura algorítmica” e afirma que as novas formas de classificação e acesso à informação emergentes nas últimas décadas configuram um “novo regime global de mediação da informação”. Segundo o autor, este regime possui como característica marcante a personalização da experiência digital a partir do monitoramento constante das atividades dos usuários. Bezerra (2017) também pontua que algoritmos, por meio de protocolos informáticos que monitoram e categorizam a navegação dos indivíduos, filtram os conteúdos que lhes serão disponibilizados. Assim, é possível conectar esse novo cenário com o que está acontecendo na mediação que costumava ser realizada pelo profissional livreiro e que, atualmente, também é parcialmente desempenhada em larga escala por algoritmos de plataformas digitais.

Embora esses mecanismos ampliem o acesso a recomendações, sua lógica de funcionamento difere significativamente da mediação realizada pelos livreiros. Enquanto a recomendação humana se constrói a partir do diálogo e da experiência compartilhada, os sistemas algorítmicos tendem a operar com base em padrões de consumo e comportamentos previamente registrados.

Como consequência, a visibilidade de determinadas obras pode passar a ser condicionada por critérios comerciais e métricas de engajamento, em detrimento da diversidade de perspectivas e da bibliodiversidade. Nesse contexto, o declínio da presença dos

livreiros não representa apenas uma mudança nos mecanismos de recomendação de livros. Trata-se também de uma transformação na memória social da profissão livreira.

À medida que práticas tradicionalmente associadas a esses profissionais passam a ser exercidas também por plataformas digitais e algoritmos, o papel historicamente desempenhado pelos livreiros torna-se cada vez mais invisibilizado e com risco de obsolescência para a sociedade. Assim, o risco não está apenas na redução do número de profissionais em atividade, mas também no apagamento gradual de conhecimentos, experiências e formas de atuação que marcaram a trajetória desse ofício.

A memória social está relacionada à forma como grupos sociais constroem e preservam suas identidades coletivas por meio de experiências, representações e significados compartilhados (Santos; Silva, 2024, p. 120). Sob essa perspectiva, a memória social da profissão livreira pode ser compreendida como o conjunto de saberes, práticas e valores historicamente associados a esse ofício.

Ao longo dos séculos, o livreiro foi reconhecido não apenas como comerciante, mas também como agente cultural e mediador da informação. Entretanto, as transformações tecnológicas e mercadológicas observadas nas últimas décadas contribuíram para modificar a forma como esse profissional é percebido pela sociedade. Como consequência, muito do que os livreiros fazem torna-se pouco conhecido pelas novas gerações, favorecendo a invisibilização profissional.

Além disso, como mencionado anteriormente, as funções que costumavam ser dos livreiros estão espalhadas por áreas diversas, e uma delas é possível observar que está na mão dos chamados *bookinfluencers* (influenciadores de livros): a indicação de livros, troca com a comunidade leitora e a atualização constante dos lançamentos de livros que sejam importantes para o nicho.

Segundo uma apuração da PublishNews, feita por Sgrinelli (2023) na rede social *TikTok*, a comunidade do *booktok* (junção de "*livro"* com "*TikTok"*, assim como há o *bookgram*, junção das palavras "livro" e "*Instagram*" e *booktube*, "livro" e "*Youtube*") alcançou cerca de 14 bilhões de visualizações no Brasil. As editoras fazem parcerias com esses influenciadores e algumas livrarias organizam sessões exclusivas para livros que fazem sucesso na plataforma. Santos e Lima (2023, p. 477) falam sobre esses influenciadores da seguinte forma:

> É a figura do leitor que vem à tona para destacar que a leitura pode ser um ato sociável e demonstrar que na realidade o leitor nunca foi meramente passivo. Será que essa seria uma transformação das rodas de leituras que aconteciam inicialmente nas escolas e nas bibliotecas? De certo modo, os influenciadores utilizam uma linguagem clara, objetiva e na organização e seleção das obras, seus vídeos fazem uma mediação entre literatura e leitor, papel esse que sempre foi primordialmente desenvolvido pela escola, desde que foi instituída (Santos e Lima, 2023, p. 477).

Estes *influencers* exercem, portanto, a função de curadoria, selecionando os livros para resenhar e compartilhar suas opiniões com seu público leitor. Como Santos e Lima (2023, p. 481) explicam "[...] a curadoria torna-se uma estratégia inteligente dos influenciadores de livro para conquistar um grande número de seguidores".

Ainda assim, estas mudanças, ocorridas também por conta dos avanços da tecnologia, não são motivos para a profissão livreira desaparecer gradualmente, mas, sim, se adaptar. Um ótimo exemplo de adaptações que já vêm acontecendo são os negócios cada vez mais focados na experiência e preferências do leitor. De acordo com Santos (2023), a aposta da maioria das redes têm sido espaços menores, com cafés, atendentes amantes de livros, espaço para leitura e cópias à disposição do público.

"O que estamos vendo agora é o surgimento de muitas livrarias independentes de tamanho menor, mas com grande foco no cliente, no atendimento", explica Rui Campos, sócio da Livraria da Travessa — que dobrou de tamanho nos últimos 5 anos — em entrevista[4] para Santos (2023). Dessa forma, percebe-se que a profissão livreira possui capacidade de reinvenção e de se adaptar às mudanças da sociedade atual.

5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Os dados e referenciais teóricos deste trabalho foram obtidos por meio de pesquisa bibliográfica e documental. A pesquisa bibliográfica foi realizada em livros, artigos científicos, dissertações e teses relacionados à profissão livreira, à mediação da informação e à memória social, com buscas em bases especializadas como a Base de Dados Referenciais de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (BRAPCI) e a *Library and Information Science Abstracts* (LISA). Complementarmente, realizou-se pesquisa documental em notícias, relatórios setoriais e conteúdos publicados em ambientes digitais, incluindo redes sociais, a fim de identificar discussões contemporâneas sobre as transformações da profissão livreira.

[4] Disponível em: https://www.infomoney.com.br/business/sobreviventes-mercado-de-livrarias-em-plena-expansao/. Acesso em: jun. 2026.

Quanto aos objetivos, a pesquisa caracteriza-se como descritiva. Segundo Silva e Menezes (2000), a pesquisa descritiva visa descrever características de determinada população ou fenômeno, bem como estabelecer relações entre variáveis. Nesse sentido, buscou-se compreender o papel histórico do livreiro como mediador da informação, os fatores relacionados à transformação e invisibilização da profissão, e os impactos desse processo para a memória social da profissão livreira. Os dados coletados foram analisados à luz do referencial teórico selecionado, permitindo articular as discussões sobre mediação da informação, memória social e os desafios contemporâneos enfrentados pelos livreiros.

6 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Vieira (2023) menciona que especialistas acreditam que o faturamento anual da gigante do varejo digital Amazon com livros é estimado em R$ 1,4 bilhão; enquanto isso, todas as livrarias brasileiras juntas faturaram R$ 1,08 bilhão. Estes números evidenciam a desigualdade no atual cenário do mercado de livros para a indústria brasileira. Para esses especialistas, a Amazon não pode ser culpada pela crise das livrarias: “Segundo eles, o problema das megalivrarias foi de gestão que, apesar de terem boas vendas, não souberam administrar o negócio de forma eficiente e se adaptar às transformações tecnológicas” (Vieira, 2023).

Bicudo e Portela (2002, p. 3 *apud* Barros; Borges; Barbosa, 2006) afirmam que o mercado livreiro brasileiro passa por um momento de deterioração gradual. Como causas, apontam a concorrência predatória de grandes redes de livrarias e a pulverização de pontos de vendas.

> As grandes redes têm maior poder de barganha ao negociar com as editoras e podem dessa forma prejudicar os pequenos livreiros, já que conseguem oferecer maiores descontos e facilidades no pagamento, como parcelamento das compras aos consumidores finais. O desconto para pequenas livrarias, que gira em torno de 40%, pode muitas vezes chegar a 60% para as grandes redes (Barros; Borges; Barbosa, 2006, p. 6).

Os dados apresentados evidenciam mudanças significativas na forma como os leitores acessam e adquirem livros. Embora a ampliação dos canais digitais tenha facilitado o consumo de obras, esse processo também altera os espaços em que tradicionalmente ocorriam práticas de mediação da informação. Em muitos casos, a busca por recomendações, a descoberta de novos autores e o contato com profissionais especializados deixam de acontecer em livrarias

físicas e passam a ser realizados por plataformas digitais e mecanismos automatizados de recomendação.

Assim, é possível perceber que os desafios enfrentados pelos livreiros ultrapassam a esfera econômica. A crescente centralização das vendas em grandes plataformas digitais reduz a visibilidade das livrarias independentes e, consequentemente, de seus profissionais. Trata-se não apenas de uma transformação comercial, mas também de uma mudança nas formas de interação entre a sociedade e a profissão livreira.

> [...] quando uma livraria fecha, o prejuízo é de todos, isto é, todos saem perdendo porque a livraria demarca um ponto cultural de acesso à informação e ao conhecimento entre tantas outras coisas. Mas isso ocorre quando temos livrarias no sentido pleno da palavra e não meros pontos de vendas. Livrarias que levem ao público eventos relacionados à cultura e mobilizem as comunidades que atendem, destinando espaços para leitura, para as crianças e iniciativas similares (Suaiden 2006 *apud* Barros; Borges; Barbosa, 2006).

Sob essa perspectiva, a diminuição da presença das livrarias físicas não implica apenas mudanças nos hábitos de compra dos leitores, mas também o enfraquecimento de espaços tradicionalmente associados à mediação da informação e à construção de vínculos entre livros, leitores e comunidade.

Um ponto interessante para refletir sobre a ressignificação da profissão livreira é o que Barros, Borges e Barbosa (2006, p. 6) abordam ao afirmarem que “é por meio da atuação efetiva na vida de uma sociedade que as pequenas livrarias podem estabelecer o diferencial em relação às grandes redes”. Essa observação evidencia que a relevância das livrarias não está restrita à comercialização de livros, mas também à sua capacidade de estabelecer vínculos com as comunidades em que estão inseridas.

Darnton (1990) observa que os livreiros das províncias frequentemente transformavam suas livrarias em bibliotecas, cobrando uma taxa pelo direito de frequentá-las com uma boa iluminação, cadeiras confortáveis, quadros nas paredes e a assinatura de meia dúzia de jornais. Neste âmbito, percebe-se que esta ideia de transformar as livrarias em um lugar acolhedor também já ocorreu em outros tempos.

Os resultados sugerem que as transformações vivenciadas pela profissão livreira não significam necessariamente o desaparecimento de suas funções históricas, mas a necessidade de reafirmá-las em novos contextos. A mediação da informação continua sendo um elemento central da atuação desses profissionais, especialmente por meio da recomendação de obras,

da promoção de encontros entre leitores e da construção de espaços de sociabilidade. Sob a perspectiva da memória social, essa ressignificação também se mostra relevante para evitar que a profissão seja reduzida apenas à dimensão comercial, preservando o reconhecimento de seu papel histórico como mediadora da informação e agente cultural.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, conclui-se que a profissão livreira está em declínio em função das muitas transformações pelas quais passa a sociedade. Ainda assim, seu relevante papel para a memória social e para a mediação da informação impõe reflexões quanto as formas desse nicho profissional reconfigurar sua atuação. Mesmo com seus desafios – notadamente um direcionamento ao esquecimento, a competição de grandes varejistas e a ausência de respaldos acadêmicos –, a importância que os livreiros tiveram nos cenários da cultura do livro em sua ascensão, assim como seu esforço e sua paixão que conectou leitores e autores de diversas localidades, é merecedora de reconhecimento e preservação histórica, garantindo que seu papel na formação cultural e intelectual seja lembrado e valorizado.

O cerne desta questão reside nas profundas transformações que atingiram a profissão livreira ao longo do tempo. Mudanças tecnológicas, novas formas de consumo e a expansão dos ambientes digitais alteraram significativamente as dinâmicas de acesso ao livro e à informação, exigindo constantes adaptações por parte dos livreiros. Nesse processo, muitos dos espaços associados à profissão perderam visibilidade, e os funcionários de livrarias passaram a ser, em sua maioria, vendedores de livros. Como consequência, parte da memória social da profissão tornou-se progressivamente menos conhecida pela sociedade.

Preservar a memória social da profissão livreira contribui não apenas para valorizar a trajetória desses profissionais, mas também para ampliar a compreensão sobre sua importância para a circulação da informação, a promoção da leitura e a formação de comunidades leitoras. Os resultados demonstram que, embora os meios digitais tenham transformado os hábitos de compra e acesso aos livros, permanece o reconhecimento do valor atribuído às experiências proporcionadas pelas livrarias físicas, especialmente aquelas relacionadas ao contato humano, à descoberta de obras e à convivência entre leitores.

Também foi possível observar que as tecnologias digitais não representam necessariamente uma ameaça à atuação livreira, mas podem constituir instrumentos para sua ressignificação. A ampliação dos canais de comunicação permite que práticas de mediação da

informação alcancem públicos mais amplos, enquanto a valorização de espaços acolhedores e voltados à experiência leitora reforça características historicamente associadas às livrarias. Nesse contexto, a ressignificação da profissão livreira não implica abandonar sua identidade, mas reafirmar, em novos cenários, funções que sempre fizeram parte de sua trajetória.

Assim, espera-se que a profissão livreira continue a se reinventar diante das transformações contemporâneas, preservando sua relevância como mediadora da informação e mantendo viva a memória social de um ofício que desempenhou e continuará desempenhando papel fundamental na aproximação entre livros, leitores e cultura.

REFERÊNCIAS

BARROS, Susane Santos; BORGES, Jussara; BARBOSA, Othon Fernando Jambeiro. O comércio livreiro em Salvador e os desafios do mundo globalizado. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 7., 2006, Marília. **Anais eletrônicos** [...]. Marília: ANCIB, 2006. Disponível em: https://enancib.ibict.br/index.php/enancib/viienancib/schedConf/presentations?searchInitial=S&track=. Acesso em: 31 out. 2026.

BEZERRA, Arthur Coelho. Vigilância e cultura algorítmica no novo regime global de mediação da informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 22, n. 4, p. 68-81, out./dez. 2017. DOI: https://doi.org/10.1590/1981-5344/2936. Disponível em: https://www.scielo.br/j/pci/a/zxgymJJ9DrB6xCKWtRfNHwq/?lang=pt. Acesso em: 30 maio 2026.

DANTAS, Gabriel; CABRAL, Renan. [Depoimento]. *In*: O QUE é ser livreiro hoje? **Blog da Companhia**, São Paulo, 14 mar. 2021. Disponível em: https://www.companhiadasletras.com.br/BlogPost/5946/o-que-e-ser-livreiro-hoje. Acesso em: 12 nov. 2024.

DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

FEBVRE, Lucien; MARTIN, Henri-Jean. **O aparecimento do livro**. São Paulo: Editora UNESP; HUCITEC, 1992. p. 582.

FERREIRA, Tânia Maria Tavares Bessone da Cruz. Comércio de livros: livreiros, livrarias e impressos. **Escritos**, Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa, ano 5, n. 5, 2011. Disponível em: https://rubi.casaruibarbosa.gov.br. Acesso em: 20 out. 2024.

FIGUEIREDO, Cândido de. **Novo dicionário da língua portuguesa**. [*S. l.*]: Project Gutenberg, 2010.

GOMES, Henriette Ferreira. O comum, a mediação da informação e o protagonismo social: interdependências para um mundo de preservação, igualdade e fraternidade. **folha de rosto**: revista de biblioteconomia e ciência da informação, Juazeiro do Norte, v. 9, n. 2, p. 226-241,

maio/ago. 2023. DOI: https://doi.org/10.56837/fr.2023.v9.n2.982. Disponível em: https://periodicos.ufca.edu.br/ojs/index.php/folhaderosto/article/download/982/821. Acesso em: 31 out. 2026.

LACERDA, Pedro. Cineasta brasiliense produz documentário sobre extinção de livreiros. [Entrevista cedida a] Juliana Contaifer. **Correio Braziliense**, Brasília, 11 out. 2015. Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2015/10/11. Acesso em: 9 ago. 2025.

MANGUEL, Alberto. Ler é um ato de poder. **Fronteiras do Pensamento**. Disponível em: https://www.fronteiras.com/assista/exibir/ler-e-um-ato-de-poder. Acesso em: 6 set. 2026.

MEDEIROS, Nuno. Editores e livreiros: que papéis de mediação para o livro? *In*: CURTO, Diogo Ramada (dir.). **Estudos de sociologia da leitura em Portugal no século XX**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2006. p. 343-385.

SANTOS, Iuri. Sobreviventes do mercado de livrarias estão em plena expansão. **InfoMoney**, 2023. Disponível em: https://www.infomoney.com.br/business/sobreviventes-mercado-de-livrarias-em-plena-expansao/. Acesso em: 12 nov. 2024.

SANTOS, Jade de Jesus dos; SILVA, Leyde Klébia Rodrigues da. Memes como expressão da memória. *In*: MASSONI, Luis Fernando; BORGES, Jussara (org.). **Expressões da memória**. 1. ed. São Paulo: Pimenta Cultural, 2024.

SANTOS, Taiane Ferreira dos; LIMA, Elizabeth Gonzaga de. Os booktubers exercem uma curadoria leitora? *In*: CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA, 2023, Rio de Janeiro. **Anais** [...]. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2023. t. 2, p. 477-487.

SARDINHA, Beatriz. BookTok já alcançou 14 bilhões de visualizações no Brasil. **PublishNews**, São Paulo, 4 maio 2023. Disponível em: https://www.publishnews.com.br/materias/2023/05/04/booktok-ja-alcancou-14-bilhoes-de-visualizacoes-no-brasil. Acesso em: 12 nov. 2024.

SCHETTINO, Thais Sena. Um grupo em mudança: os livreiros e o saber profissional. **Sociologia & Antropologia**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 6, p. 605-619, 2013. Disponível em: https://www.scielo.br/j/sant/a/4T8jFx3Np4Ktcdd8PrBjbhN/. Acesso em: 7 set. 2025.

SILVA, Antonio Carlos da; MENEZES, Emmanuel Magno de. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. Florianópolis: Laboratório de Ensino a Distância da UFSC, 2000. p. 21.

SILVA, Jonathas Luiz Carvalho. Percepções conceituais sobre mediação da informação. **InCID**: Revista de Ciência da Informação e Documentação, Ribeirão Preto, v. 6, n. 1, p. 93-108, 2015. DOI: https://doi.org/10.11606/issn.2178-2075.v6i1p93-108. Disponível em: https://revistas.usp.br/incid/article/view/89731. Acesso em: 7 jun. 2026.

VENTURA, Resendes. **Papel a mais**: papéis de um livreiro com inéditos de escritores. Lisboa: Esfera do Caos, 2009.

VIEIRA, Bárbara Muniz. Qual o futuro das livrarias com o fim de grandes redes e domínio da Amazon? **Acessa.com**, Juiz de Fora, 14 out. 2023. Economia. Disponível em: https://www.acessa.com/economia/2023/10/179471-qual-o-futuro-das-livrarias-com-o-fim-de-grandes-redes-e-dominio-da-amazon.html. Acesso em: 23 ago. 2025.